

Religião e Mulheres. Resistências nos Impérios Ibéricos. 1500-1850



04.

Resistir
à censura da
Inquisição

1647

Resistir à censura da Inquisição

Georeferenciação: Lisboa | Frankfurt | Roma | Madrid

Em 1580, quando Portugal foi agregado à Coroa dos Habsburgos* castelhanos perdeu o direito a definir a sua política externa. Assim, na Península Ibérica, o representante da Santa Sé (o Núncio) ficou reduzido face ao de Madrid; para Portugal veio um coletor, um agente teoricamente destinado à cobrança de direitos, o que equivalia a subalternizar Portugal no palco europeu.

Depois da Restauração (1640) e até à paz de 1668, o papa não reconheceu o novo rei (D. João IV), pelo que não havia troca de embaixadores entre Portugal e a Santa Sé. Este vazio causava grandes embaraços, pois, entre outras situações, não eram nomeados novos bispos e faziam falta. Para obviar aos inconvenientes, Roma manteve em Portugal o vice-coletor, Girolamo Battaglia, mas este foi-se embora no final de 1646, e aumentaram as expectativas sobre o que poderia suceder.

Ora, em Fevereiro de 1647, um impressor publicou um panfleto em latim, a língua erudita e internacional da época, sobre a saída de Battaglia. O texto tinha três páginas e, entre outras coisas, afirmava que Battaglia tinha sido expulso de Portugal. Era uma publicação clandestina, que não passara pela censura, como era obrigatório na época, mesmo para estes folhetos de pouca extensão. Tudo fora feito em Lisboa, mas o lugar de publicação registado foi o de Frankfurt e o nome do tipógrafo, o de um alemão. Pretendia-se passar a ideia que o texto chegara a Portugal já impresso.

Mal a Inquisição* de Lisboa soube da

publicação, proibiu-a, ordenou que os exemplares fossem recolhidos e que se apurasse quem eram os implicados. Começou por mandar chamar quatro pessoas para interrogar, sendo uma delas um jovem livreiro de 12 anos, que vendera alguns desses folhetos. Outra das pessoas foi o impressor Domingos Lopes Rosa, cristão-velho*, de cerca de 40 anos, natural e morador em Lisboa, que confessou logo que imprimira o texto, a mando do Conde camareiro-mor*. Alegou que não sabia latim e que por isso não conhecia o conteúdo do papel. Referiu que confiara que não teria problemas porque quatro anos antes imprimira outro folheto, nas mesmas circunstâncias, a dizer mal dos reis de Espanha, igualmente a pedido do mesmo aristocrata, e não teve aborrecimentos.

Desta vez, Domingos não teve a mesma sorte. A 22 de Março, Domingos Lopes Rosa foi preso por imprimir sem as licenças da censura, designadamente a da Inquisição, e por revelar a várias pessoas o que confessara quando fora interrogado. Talvez por ter apelado a algumas delas para que intervissem a seu favor, junto do rei e da Inquisição, foi encarcerado numa cadeia pública e não no Santo Ofício*. Ali seria menos vigiado e também lesava menos a sua honra, pois não gerava nos outros a suspeita de que estava preso por heresia*. Quando necessário, era levado ao Santo Ofício para os interrogatórios.

Durante o processo Domingos Lopes Rosa defendeu-se. Tentou rebater a acusação dizendo que executara o pedido do camareiro-mor sem malícia, pelo facto do conde ser familiar do Santo

Ofício* e pessoa próxima do rei. Contudo, depois de 20 dias preso, tentou negociar e conseguiu ser libertado três dias mais tarde.

Porque a Inquisição era muito rigorosa com a censura, antes de Domingos sair, teve de ouvir a sua sentença na sala do Santo Ofício, diante dos impressores de Lisboa. Era uma atitude disciplinadora e intimidatória da Inquisição para com estes tipógrafos. Domingos foi condenado a pagar uma multa, todos os seus folhetos sem licença seriam queimados e durante um ano não poderia exercer a sua actividade.

Dadas as suas dificuldades financeiras, quase um mês depois da sentença, solicitou que lhe fosse perdoada a multa e que pudesse voltar a trabalhar. Só obteve autorização para acabar a impressão dos livros que tinha deixado inacabados. Como estes eram poucos, uns dias depois insistiu: pediu o pleno retorno ao trabalho. Por fim, a 21 de Maio de 1647, conseguiu o seu intento.

Na sociedade portuguesa do século XVII, escapar à censura não era fácil, fosse para um autor, fosse para um simples tipógrafo, mas não faltaram casos de pessoas que a ela resistiram com maior ou menor sucesso.

Glossário:

- * Camareiro-mor – ajudava a vestir e despir o monarca. Era um dos ofícios mais importantes da Casa Real. Cristãos-novos / conversos – Judeus convertidos ao catolicismo e seus descendentes. Sobre todos eles recaía a suspeita de praticarem a sua antiga fé judaica.
- * Cristãos-velhos – Nome dado às pessoas cujos ascendentes sempre foram católicos. Designação que se contrapõe a cristãos-novos (ver).
- * Familiar do Santo Ofício – homem secular, cristão-velho, que se candidatara para ser ajudante da Inquisição e fora aceite.
- * Habsburgo – Dinastia que nessa época governava a Espanha.
- * Heresia – confissão religiosa que não era a católica romana
- * Santo Ofício – Inquisição
- * Tribunal destinado a controlar a heresia e os desvios na prática religiosa; nesse âmbito também fazia censura, fiscalizando tudo o que era impresso.

Referências

- * ANASTÁCIO, Vanda, «“Heróicas virtudes e escritos que as publiquem”. D. Quixote nos papéis da Restauração», *Revue der iberischen Halbinseln*, n. 28, 2007, pp. 117-136.
- * COSTA, Leonor Freire, e Mafalda Soares da Cunha, *D. João IV*, Lisboa, Temas e Debates-Actividades Editoriais, 2008.
- * MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013.
- * MARTINS, Maria Teresa Payan, *Livros clandestinos e contrafacções em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Colibri, 2013.

Créditos

Título: Religião e mulheres. Resistências nos Impérios Ibéricos, 1500-1850.

Coordenação: Mafalda Soares da Cunha, António Camões Gouveia e Moreno Pacheco

Autores: Ana M. Sixto Barcia; Ângela Barreto Xavier; Elsa Penalva; Fernanda Olival; Filomena Lopes de Barros; Jacqueline Sarmiento; Lucilene Reginaldo; Margareth de Almeida Gonçalves; María Jordán Arroyo; Mariana Meneses Muñoz; Moreno Pacheco; Stuart B. Schwartz

Edição: CIDEHUS UÉVORA / CHAM NOVA / PPGH-UFBA; Évora, 2023

Revisão e adaptação dos textos: António Camões Gouveia, Mafalda Soares da Cunha, Moreno Pacheco e Natália Nascimento e Melo

Ilustrador: Nuno Saraiva

Criação e paginação: KISS THE AGENCY

ISBN: 978-972-778-315-1

CC: 

DOI: <https://doi.org/10.60469/bd2d-jm24>



This project
has received funding
from the European
Union's Horizon
2020 research
and innovation
programme under
the Marie Skłodowska-Curie
Grant Agreement
No 778076.

